
Fofocas e rumores no cotidiano do pequeno urbano: a construção e a apresentação do *self* nas sociabilidades urbanas de pequena escala

Gossip and rumors in the daily life of the small urban: the construction and presentation of the self in small-scale urban societies

Mauro Guilherme Pinheiro Koury

Doutor em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Coordenador do GREM Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções, na mesma universidade.

E-mail: maurokoury@gmail.com

Raoni Borges Barbosa

Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Pesquisador do GREM/UFPB.
E-mail: raoniborgesb@gmail.com

Resumo

Este artigo problematiza contextos interacionais do pequeno urbano em situações cotidianas. Para tanto, parte analiticamente de uma etnografia das sociabilidades urbanas de um município do interior da Paraíba, Brasil. O pequeno urbano aparece como palco de construção e de apresentação do *self* e da formação de redes de significados sensíveis e de conformadores de paisagens simbólicas e materiais, que caracterizam este estilo particular de urbanismo. O artigo debate a dimensão da fofoca e do rumor no pequeno urbano como forma de acessar, neste cotidiano interacional pessoalizado, a tensão criativa de individualidades reciprocamente monitoradas e em estratégias de se mostrar e se esconder, de se revelar em conformidade com os consensos morais tidos como aceitos e, também, de renovar a ordem moral dominante pelo exercício arriscado de administração de escândalos, tragédias e situações limites. O pequeno urbano aparece como mundo social dinâmico, de *selves* em permanente jogo e risco de imposição de si e de enquadramento moral pelo olhar do outro.

Palavras-chaves: Pequenas Cidades. Sociabilidades Urbanas. Emoções e Moralidades. Fofocas e Rumores.

Abstract

This article problematizes interactive small urban contexts in everyday situations. It analyzes the ethnographic data of episodes of urban sociabilities of a municipality of the interior of Paraíba, Brazil. The small urban appears as a stage of construction and presentation of the *self* and as a setting for networks of sensitive meanings and shapes of symbolic and material landscapes that characterize this particular style of urbanism. The article discusses the dimension of gossip

and rumor in the small urban as a way of accessing, in this everyday life of personal interactions, the creative tension of reciprocally monitored individualities and in strategies of showing and hiding, of revealing themselves in accordance with the moral consensus accepted and also to renew the dominant moral order by the risky exercise of administration of scandals, tragedies and limit situations. The small urban appears as a dynamic social world, of *selves* in permanent play and risk of self-imposition and of moral framework by the other's gaze.

Keywords: Small cities. Urban Sociabilities. Emotions and Moralities. Gossip and Rumors.

Introdução

Este artigo¹ objetiva debater, no interior de uma antropologia e de uma sociologia das Emoções e da Moralidade, as interações em situações cotidianas de uma pequena cidade, tendo como recorte etnográfico as sociabilidades urbanas de um município do interior da Paraíba. Entende-se por pequenas cidades os núcleos tensos de interação social, onde se configuram redes de interdependência entre os seus moradores em torno de um sentimento de pertença social, cultural, econômica e de emancipação política, consolidada jurídica e administrativamente ou não (KOURY; BARBOSA, 2017). A pequena cidade é entendida como *locus* de uma análise interacionista e relacional ampla, em que se problematiza a construção e a apresentação do *self* e a formação de redes de significados sensíveis e conformadores de trocas simbólicas e materiais, que dão a dimensão deste estilo particular de urbanismo. A pequena cidade, com efeito, não é aqui entendida como uma caricatura em escala reduzida da metrópole, mas como uma sociabilidade específica e que suscita questões próprias.

Dessa maneira, o presente artigo se organiza em dois momentos. O primeiro discute a pequena cidade como desafio teórico e metodológico a ser enfrentado pela pesquisa compreensiva em Antropologia e Sociologia das Emoções e da Moralidade. O segundo momento, por sua vez, problematiza a dimensão da fofoca em pequenas cidades como forma de acessar, no cotidiano pessoalizado do contexto interacional estudado, a tensão criativa de individualidades reciprocamente monitoradas e em

¹ Artigo apresentado no *GT 1 - Moralidades en las ciudades de la periferia*, durante a *XII Reunión de Antropología del Mercosur - RAM 2017*, realizado de 04 a 07 de dezembro de 2017 pela *FHyCS, UNaM - Posadas, Misiones*.

movimentos de “mostrar-se”, de “esconder-se” e de “revelar-se” em conformidade com a ordem moral vigente e mesmo de renová-la mediante a administração de escândalos e situações limites.

O artigo, nesse sentido, enfatiza a pequena cidade como um mundo social dinâmico, de *selves* em permanente jogo e risco, de imposição de si e de enquadramento moral, real ou imaginário, autêntico ou conveniente, à comunidade. Longe de ser um lugar de harmonia e de coesão social e cultural, a pequena cidade é um lugar de disputas morais, de estratégias de sobrevivência e de luta pela afirmação da individualidade, mesmo que no âmbito de um sentimento de opressão e de pertença, de ódio e de amor ao lugar (KOURY, 2003).

1 Organização de relacionamentos e interações em situações cotidianas de pequenas cidades

Neste trabalho se optou pensar as pequenas cidades como nucleamentos urbanos, independentemente de serem uma sede administrativa. Assim, pequenos distritos ou pequenos aglomerados urbanos, em uma mesma região administrativa municipal, são considerados nucleações urbanas se possuem sentimento de pertencimento ao local e uma identidade como morador, podendo, inclusive, lutar ou não coletivamente por tornar-se um município político e administrativamente emancipado. Deste modo, diferente da geografia (CLEMENTINO, 1996; SANTOS, 2001), que identifica as cidades a partir do número de habitantes, de ser sede administrativa e ter uma vocação econômica específica, ou mesmo possuindo hábitos e costumes comuns ou sensíveis às micro interações (BACELAR, 2009; MAIA, 2002), este trabalho se baseia nas interações entre as pessoas que compartilham de uma mesma sociabilidade e de uma rede de interdependência mútua e de reciprocidades materiais e simbólicas comuns. Interessa refletir aqui, portanto e, principalmente, as redes e significações produzidas e compartilhadas pelos moradores destas pequenas cidades ou pequenos conglomerados urbanos e como se elaboram e se vivenciam essas redes, bem como as culturas emotivas e moralidades vividas no cotidiano e como se fazem “interacional locais”. Trata-se, deste modo, de uma análise de lugares e não de espaços.

A pequena cidade é compreendida, deste modo, como uma forma social histórica produto da ação individual humana combinada em processos de interação comunicativa. Em tal dinâmica – tensional, criativa e indeterminada –, contextos semânticos, gramáticas morais e culturas emocionais são socialmente construídos, conformando o indivíduo social e os espaços de sociabilidade em que este reconhece a si e ao outro relacional como pessoas, trajetórias, memórias e narrativas em disputas por auto e alter-definição. Os indivíduos sociais moradores das pequenas cidades criam, entre si, enquanto unidades actanciais, roupagens simbólicas de sentidos que os movimentam como projetos e memórias, individuais e coletivas, formas e estilos de vida densos, mas sempre tensos, onde compartilhamentos e dissensos se misturam na moldagem cotidiana de culturas emotivas e moralidades.

Os estudos sobre pequenas cidades, pequenas aglomerações urbanas ou pequenas comunidades – como, por exemplo, o de Prado (1987; 1998), de Koury (2016, 2015, 2014, 2014a, 2013), de Barbosa (2015, 2015a, 2014), de Koury e Barbosa, (2015) e de Blanc (2015) – apontam para uma interação intensa entre os seus habitantes, confluindo para uma personalidade absorvente e um grande controle moral e disciplinar entre os seus membros. A fofoca e o rumor constituem instrumentos bastante utilizados nesse tipo de controle social de situações de intensa personalidade (ELIAS; SCOTSON, 2000; FONSECA, 2000; KOURY, 2015; TRAJANO, 2000 e 2002). Diferentemente das grandes cidades, onde a impessoalidade permite uma maior individualidade e um maior espaço de atuação individual dos seus membros, e onde a fofoca, embora ainda seja um instrumento importante de rebaixamento moral, tem uma conotação menor de escândalo do que nas pequenas cidades (CALDEIRA, 2000; KOURY, 2003, 2014b; PARK, 1967; SIMMEL, 2005; VELHO, 1987; VELHO; MACHADO DA SILVA, 2003; WIRTH, 1967).

Interessa, neste estudo, discutir os sistemas de relacionamentos que movimentam e processam formações duradouras entre as pessoas e promovem redes de interdependências por meio de situações e acontecimentos, regulares ou episódicos, de interação em uma pequena cidade. Como se formam os sentidos e como se movimentam os processos emocionais em jogos cotidianos em que vários

selves se interrelacionam tendo por base princípios norteadores de entendimento comum, através das redes intrincadas de significações existentes e consolidadas em sistemas de moralidades definidoras de regras, direitos, formas de conduta e comportamento, deveres, e que se remontam em estilos de vida, em projeções e sonhos, em ressignificações e em testes de caminhos para abertura de espaços, tentativas de desvio, ou os seus contrários, imposição da ordem e fechamento moral. São estas situações que promovem tráfegos de significados, por meio da busca de alternativas de saída ou através da acomodação de aproximações de sentidos entre as partes envolvidas.

Parte-se aqui, deste modo, das noções simmelianas (SIMMEL, 1998) de cultura subjetiva (*self*) e cultura objetiva (cultura/sociedade), em suas relações densas, que possibilitam a emergência e a configuração de uma cultura emotiva dada; esta sempre processual, inacabada e tensa, mas sempre amoldada em movimentos de cristalização para um ordenamento ou um reordenamento moral do conjunto cultural emotivo emergido do encontro entre *selves* em uma montagem situacional determinada. O interesse deste artigo, assim, incide sobre um ponto de vista interacionista e relacional, isto é, sobre situações sociais e a participação de pessoas nestas situações, e em relação à maneira como uma vida social complexa pode ser estabelecida a partir delas, enquanto conjuntos emotivos e enquanto moralidades, mas também nas incertezas do *self* quando confrontado a se envolver e lidar com outros *selves* em várias situações cotidianas, de forma intencional ou não. Interessa a este trabalho discutir a definição de pessoa nas sociabilidades urbanas de pequena escala.

Até que ponto a pressão pela conformidade, nas cidades pequenas, oculta expressões disposicionais e comportamentais das pessoas no jogo interacional nelas existentes? Quais as esferas e como se conformam os sistemas de reconhecimento e o respeito próprio em ambientes de intensa pessoalidade? Como convivem os compassos configuracionais da ordem moral, e que tipos de negociação eles envolvem entre os pares interacionais no interior de uma cidade pequena?

Como o desvio, o testar limites e, às vezes, o ultrapassar é burlado da vida ordinária, em uma pequena comunidade, na forma do que Boltanski (2012) chama de ‘segredo de polichinelo’, no qual todos sabem, mas ninguém o afirma, a não ser

através do escândalo? O que configura um escândalo, como ele é produzido, como ele é vivido pelos habitantes locais e como é administrado enquanto informação sensível ou lealdade ambígua pelas partes envolvidas e pelos demais habitantes em seus diversos mundos sociais e suas regiões morais da pequena cidade?

Por sinal, é possível pensar em mundos sociais (WIRTH, 1967) e regiões morais (PARK, 1967), tais como as formulou o interacionismo da Escola de Chicago (HANNERZ, 2015), nas cidades pequenas? Como pensar os processos de segregação e os seus formatos e consequências situacionais e de planos de vida individual e coletivos nas cidades pequenas? Os jovens e os adultos jovens vivem processos contínuos de fluxos entre cidades, seja para estudar, seja para trabalhar, seja para o provisãoamento do lar ou dos negócios, seja para diversão, seja ainda para exercitarem suas individualidades longe dos olhos pessoalizados de suas cidades.

Em muitos estudos, do pouco que se tem até agora, esse movimento contínuo exige da população em fluxo uma espécie de camuflagem do ser em outro local, com o ser esperado a ser vivido na sua cidade. Até que ponto essa inflexão, essa modulagem de papéis assumidos aqui e acolá não provoca tensões morais, não apenas para os que a vivenciam, mas para todos os demais setores locais que convivem com essa ambiguidade de situações experimentadas por grande parte de seus personagens?

Como administram essa ambiguidade no cotidiano local de formação da pessoa e do mundo pessoalizado de relações e de agenciamentos de recursos materiais e simbólicos e como pode ser entendido e aplicado o clássico conceito goffmaniano de gerenciamento de impressões e de apresentação do *self* nas tênues interfaces morais entre as ações praticadas fora e a manutenção da fachada (GOFFMAN, 2010, 2012, 2014) no interior das pequenas cidades? Como pensar o papel do rumor e da fofoca não apenas como um elo de desorganização das redes locais onde um fato sucedeu, mas também na de uma forma de remontagem do fato em novo formato possível em que se amoldam prosseguimentos e reordenamentos à vida ordinária na pequena cidade?

Assim, fica evidente o interesse pelas sociabilidades urbanas de pequeno porte como *locus* diferenciado para o exercício teórico-metodológico de uma

antropologia das emoções e da moralidade em uma perspectiva simbólico-interacionista e relacional. Tal interesse se desdobra em questões sobre formação e apresentação cotidiana do *self*, do parentesco e de redes de relações intra-urbanas e entre cidades; sobre organização de processos produtivos e migratórios; sobre a construção de códigos monetários, de dádivas e de favores nas trocas interacionais; sobre experiências de perdas e de rupturas de alianças e projetos; sobre narrativas de honra, vergonha, medos e vinganças e etc.

A pequena cidade permite, em razão de suas formas sociais e culturais em escala empiricamente observável, um tipo particular de exercício de objetificação participante (BOURDIEU, 2003) e de etnografia como encontro crítico com a alteridade e com o cotidiano tornado exótico (DAMATTA, 1973; VELHO, 1978). Assim, configurando-se como um tipo de exercício definido por um olhar sobre conjuntos interacionais específicos e singulares, focado sobre o cotidiano das pessoas em suas preocupações pessoais e pessoalizadas de gerenciamento de impressões (GOFFMAN, 2012), de redes possíveis de negociação (SCHEFF, 1990), de intercâmbio de segredos, fofocas e dádivas, bem como de vivências de traumas, tragédias e fracassos (GOFFMAN, 2014).

2 Cotidiano, pessoalidade, fofoca e rumores em situações traumáticas

Desde o mês de dezembro de 2016, o GREM – Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções – iniciou um trabalho de campo para a construção de um projeto sobre sociabilidades urbanas de pequeno porte no interior do estado da Paraíba. Nesta ida a campo, visitaram-se pequenas cidades da mesorregião do Agreste paraibano e das microrregiões do Brejo e Guarabira². É sobre estas impressões de campo e pequenas vivências em episódios traumáticos e de narrativas êmicas sobre tais eventos que a imaginação antropológica será exercitada a partir deste item, tendo em vista as reflexões assumidas na primeira parte deste artigo.

²Neste trabalho, não identificaremos nomes de cidades ou de pessoas entrevistadas, observadas ou envolvidas nas narrativas aqui apresentadas. Nomes fictícios serão utilizados para identificar atores sociais reais em contextos de interação.

2.1 Evento trágico, fofocas e rumores: estratégias de integração moral e solidariedade

No dia 06 de janeiro de 2017, aconteceu um acidente que bloqueou a rodovia PB-075 nos dois sentidos da estrada. De imediato, a estrada ficou bloqueada por policiais militares em suas viaturas-patrolha para permitir o trabalho de profissionais bombeiros e paramédicos no local.

Ao redor do acidente havia também um aglomerado de curiosos que acompanhavam o trabalho dos profissionais. O acidente destruiu dois caminhões envolvidos em violenta colisão frontal e avariou uma motocicleta em um dos trechos sinuosos e ligeiros do trajeto. Ambos transportavam material de construção: um areia, o outro brita. O trecho se situa justamente logo após duas ladeiras acentuadas em que os motoristas desavisados imprimem, geralmente, maior velocidade aos seus veículos.

Em razão do longo engarrafamento formado, alguns motoristas mais familiarizados com a região deixavam o trecho da rodovia PB 075, próximo ao local conhecido como *Curva dos 07*. Estes motoristas tentavam desviar do transtorno causado pelo acidente enveredando por entre partidos de cana-de-açúcar que margeiam esta rodovia. Isso, pois a estrada margeia imensos partidos de cana-de-açúcar limitados pela vegetação selvagem que sobe as montanhas da região. Nesse trecho, as atividades econômicas de maior porte acontecem nos engenhos, para a produção de cachaça, e nas fazendas, para a produção de cavalos receados de passeio e de vaquejada.

Dessa forma, fica evidente o quão intenso é o fluxo de mercadorias e de pessoas pelo trecho em questão da rodovia PB 075. Além de ser um trecho sinuoso e acidentado, onde burros, jumentos, cavalos e cachorros soltos, às vezes, aparecem de surpresa na pista, o trecho também é bastante movimentado pela sua importância estratégica de ligação das atividades do semi-árido de Campina Grande com o pólo industrial e comercial brejeiro de microrregião de Guarabira e com o pólo de lazer, veraneio e formação universitária de municípios do litoral norte paraibano. O trecho serve de escoamento, ainda, para as atividades de mineração e de produção de materiais de construção civil das minas e pedreiras locais.

As famílias da região próxima ao acidente costumam fazer compras, estudar e trabalhar em torno das cidades mais dinâmicas das microrregiões de Campina Grande e Guarabira. Muitos de seus membros, indo e vindo diariamente ou semanalmente de suas cidades para outras cidades e no seu percurso rotineiro, passaram e visualizaram o acidente, propagando, de forma quase imediata, o episódio traumático que vitimou moradores de cidades próximas ou suas. Esse fluxo intenso ampliou quase que de imediato o acidente por toda a região.

Nesse sentido, interessa aqui descrever e analisar a forma como uma tragédia, envolvendo dois caminhões comerciais e uma pequena moto de passeio, dos quais os motoristas eram jovens de municípios próximos, impactou na vida de uma das pequenas cidades da região. A tragédia ocorreu por volta do meio dia e rapidamente ecoou na cidade, com pessoas comentando o acontecido, pedindo e repassando informação pelas redes sociais e pelo celular.

Exatamente às 12h19, um blog regional, bastante conhecido por sua cobertura de eventos políticos, festas e atividades locais, sucintamente anunciava a tragédia em um tom jornalístico direto e distanciado, mas extremamente reticente. A notícia enfatizou os veículos envolvidos na colisão e o número de mortos e feridos, mas somente individualiza pelo primeiro nome um dos envolvidos no acidente: o motorista da moto, não por acaso o único morador e nativo da cidade em análise. Os moradores locais, assustados e em choque, comentavam o ocorrido, informando-se reciprocamente sobre a tragédia. Os comentários giravam em torno dos membros prováveis de famílias da região e da cidade em um nível de identificação e intimidade em relação às pessoas envolvidas no acidente e suas famílias. Como, por exemplo, no comentário de uma senhora conversando em voz alta na calçada próxima de sua residência, com outros conterrâneos, em relação ao sobrevivente do acidente, conhecido: “[ele é] o filho de Seu Fulano, casado com aquela menina de X, que já tem um filho pequeno... que é primo de Seu Sicrano”.

As fotos postadas pelo blog local, minutos após a ocorrência do evento discutido, mostram a dimensão das perdas humanas e materiais e o enquadramento das mesmas como uma tragédia escandalizada³ e também como um objeto social

³Neste artigo se entende, a partir de Girard (2012), a noção de escândalo como exercício cotidiano de contágio social mediante a imitação de modelos de ação, de modo que alter e ego, em processos

traumático. Por objeto social traumático se entende situações cotidianas de ruptura da normalidade normativa e desorientação de expectativas que desencadeiam situações limites sobre a fragilidade da vida ou de processos sociais mais amplos, gerando vulnerabilidades e busca de re-acomodação dos horizontes morais locais. Nas palavras de Alexander (2000, p. 26):

experimentar um trauma pode ser compreendido [...] como a definição de um trauma para a coletividade, trazendo vítimas, conjugando responsabilidades, e atribuindo consequências ideais e materiais. [...] a identidade coletiva torna-se significativamente revisada. Essa re-atualização identitária significa que haverá uma procura pela relembração do passado coletivo, pois a memória não é apenas social e fluída, mas profundamente conectada ao senso contemporâneo de *self*.

Interessa notar que o tom de personalidade e de aproximação, e mesmo de intimidade e de preocupação, em relação aos possíveis reveses da tragédia, tem somente um foco. Com efeito, a reportagem do blog e as conversas na cidade concentravam-se na vítima nativa e de que a mesma “[...] sofreu ferimentos leves e está em casa”. Enquanto isso, as demais vítimas sobreviventes eram meramente citadas como estatísticas e as vítimas fatais eram identificadas a partir dos atributos de seus respectivos caminhões e locais de origem de seus destinos.

Foram muitos os comentários na cidade, em um contexto de euforia e de comoção com aquela dádiva (MAUSS, 2003; RICOEUR, 2007) do recomeço depois de um fim tão evidente e doloroso, como, por exemplo: “Ali foi Deus... porque não tem condições, não. Aquele menino nasceu de novo. E se fosse *maguin* daquele jeito, não tinha escapado. Se fosse gordo e pesado, não tinha pulado da moto e tava agora só o pah... embaixo da caçamba!” (Comentário de uma senhora para outra do outro lado da rua); ou, “Ele disse que pulou assim... e nem viu mais nada! Já tinha acontecido tudo”. (Comentário, em uma roda de rapazes); ou ainda, “Pode ter certeza que ali nasceu de novo”. (Comentário, em uma roda de rapazes), e também, “Eu conversei com ele rapidinho, aí ele disse: ‘É melhor escapar fedendo do que morrer cheiroso’ (Comentário de um dos amigos da vítima, colega de trabalho).

A fofoca e os rumores sobre o acidente e os acidentados se dispersavam em uma incrível velocidade potencializada pelas novas tecnologias da informação, tais

reciprocamente direcionados de interação comunicativa, constroem ciclos miméticos de ação e, por conseguinte, estabelecem sentidos comuns, ainda que antagônicos, sobre um mundo também comum. Ver também Goffman (2012a, p. 202).

como celulares, internet (com destaque para as redes sociais). A personalidade intensa das relações entre os moradores da cidade e o interesse de cada um em se inteirar e se atualizar do acidente, em relação à normalidade normativa e interacional referente às transformações cotidianas dos espaços e redes de sociabilidades. No caso em questão, a tragédia é velozmente alçada à condição de escândalo e de trauma⁴.

Os moradores estavam visivelmente eufóricos em comentar e avaliar o ocorrido, pesando cuidadosamente as implicações das perdas humanas, simbólicas e materiais para si e suas famílias. Neste sentido, os rumores e os comentários sobre o acontecido revelavam uma rede de solidariedade entre os moradores para além da cidade em questão, assim como apareciam como forma de expressão de angústias individuais tornadas públicas e reciprocamente direcionadas no esforço de tentativas de ajustes de fachadas (individuais e coletivas) e de afirmação de expressões obrigatórias de sentimentos, usando, aqui, o título de um artigo clássico maussiano (MAUSS, 1980, p. 56-63).

Com efeito, rumores e clamores eram ouvidos por toda a cidade, como em um exercício da função fática da linguagem, cujo objetivo era o de exprimir os próprios sentimentos em relação ao evento trágico e, ao mesmo tempo, sondar o outro próximo e distante em relação à confirmação dos seus sentimentos. Eram ouvidas a todo o momento expressões tais como: “como será que a família tá sentindo depois que viu o filho viver de novo [...]”, ou “[...] coisa medonha, a gente fica até sem saber o que pensar e o que fazer nessas horas [...]”; ou ainda, “[...] a gente nem sabe, já pensou esse menino quase um filho da gente, e se fosse mesmo o filho da gente!?! [...]”.

Os rumores e a fofoca se constituem em uma rede pública discreta, e não secreta, como postula Gaiarsa (1978, p. 13-14), de um lado, em momentos de comoção pública, como o acontecido no acidente relatado, serve como um instrumento de verificação do outro através do controle dos seus sentimentos, e, ao mesmo tempo, coletivamente, satisfaz um processo de expiação e de purificação,

⁴Um caso anterior de fofoca e rumor no sentido de alerta de perigos e perdas para o grupo social e de integração comunitária de informações sensíveis ocorreu quando do óbito de um jovem da cidade em razão de acidente de trânsito, na cidade de São Paulo. O acidente se deu por volta das 9h da manhã de uma sexta-feira e de forma quase que imediata toda a cidade comentava o caso e se condoia com a família enlutada pela perda do jovem conterrâneo que há pouco tempo tinha emigrado em busca de melhores condições de vida e trabalho. Interessante notar, ainda, a ampla participação dos moradores da cidade no traslado do corpo morto e nas cerimônias fúnebres.

promovendo uma catarse social, restauradora de uma continuidade emocional e normativa.

Por outro lado, a fofoca se configura também como um sistema de alerta acêntrico e eficiente, em que é possível informar sem denunciar e sem se comprometer. Nesta direção, o ato de fofocar tanto veicula notícias e informações sensíveis, ampliando o engajamento legítimo, quanto protege segredos e segrega platéias de situações constrangedoras de possíveis perdas da face e escândalo.

O ato de fofocar a tragédia e de escandalizá-la, segundo a abordagem simbólico-interacionista das emoções, pode ser interpretado como uma ação reflexiva de afirmação de códigos de moralidade, de laços de lealdade e de pertença, cujos riscos e perigos para aquele que propaga a notícia devem ser cuidadosamente calculados. Com efeito, os dados empiricamente produzidos parecem confirmar o ato de fofocar como um exercício de definição da situação e de interpretação da situação, a partir do que o indivíduo social produz objetos sociais passíveis de verbalização e de comunicação (BLUMER, 2016).

Nesse sentido, a tragédia era fofocada pelos moradores da cidade com bastante cuidado, geralmente em voz baixa, em oportunidades seguras para o uso do celular e, quando em canais coletivos de redes sociais, fazendo uso de formalidades de distanciamento respeitoso e quase que anônimo em relação aos envolvidos no acidente fatal e suas respectivas famílias enlutadas. Caberia ressaltar, assim, que a fofoca constitui um uso reflexivo e racional dos bastidores da ação que cada *self* projeta e executa no espaço societal.

O blog da cidade pode, neste diapasão, ser entendido como um canal relativamente informal de fofocas da região norte do agreste paraibano. Como pode ser visto, no caso da tragédia retratada, o blog rapidamente colocou em circulação registros fotográficos que davam conta do acidente de trânsito como escândalo moral, no sentido goffmaniano⁵, e como tragédia. A classificação moral e emocional de um evento como tragédia, e sua classificação como banal, implica em por ênfase nas vulnerabilidades e nos riscos interacionais que limitam a vida coletiva humana, de modo que o observador externo se sente tocado pela aura de mistério e de

⁵De acordo com Goffman (2012a), uma situação de escândalo é caracterizada pelo desrespeito por parte de um dos atores sociais envolvidos em interação, das fronteiras do engajamento legítimo e previamente acordado, o que gera desorganização emocional e moral, individual e coletiva.

impotência, e sua personalidade é lançada inteiramente em uma experiência de trauma.

Trata-se, portanto, de uma experiência turneriana de liminaridade (Turner, 2013), em que a lógica social-estrutural da diferença e da segmentalidade dos atores sociais, em papéis sociais e hierarquias de posições, é momentaneamente suprimida pelo sentimento de solidariedade e de comunhão de destinos que abarcam as individualidades como uma espécie de *communitas*⁶ no processo sociocultural da catarse. A partir de uma perspectiva simbólico-interacionista, contudo, é possível afirmar que o trauma referente à tragédia aqui trabalhada não implicou em um abalo na estrutura social e, por reflexo, em uma confusão no comportamento dos indivíduos sociais que ela abarca, mas uma situação de vulnerabilidade interacional, em que linhas e fachadas individuais e coletivas se monitoram e se acomodam reciprocamente a partir de interpretações e definições novas e urgentes (BLUMER, 2017; GOFFMAN, 2012a).

Na perspectiva social-estruturalista turneriana, a confusão da liminaridade se encontra, a priori, inscrita no drama social, com seus papéis estruturais e antiestruturais de antemão previstos na lógica da ação cultural, de modo que a liminaridade é resolvida no retorno reforçado à ordem social. Na leitura simbólico-interacionista, por sua vez, a situação é classificada como de aumento de tensões, medos, constrangimentos, embaraços e vulnerabilidades próprios da interação, resolvendo-se sempre em novas espirais de acordos, alianças e rupturas de um jogo indeterminado e criativo de construção processual de gramáticas morais e de culturas emocionais.

Ao questionar um morador nativo sobre o porquê da reportagem e das conversas informais não se preocuparem em identificar, por nome e sobrenome e por filiações de parentesco e lealdade, as vítimas fatais e os sobreviventes estranhos à cidade etnografada, como faziam com a vítima sobrevivente do lugar, a resposta era dada de uma forma um tanto ambígua, e dava ênfase, novamente, aos riscos e aos perigos da fofoca. Destarte, a primeira justificativa alegada *era o do*

⁶Na experiência de *communitas*, o indivíduo social se percebe como homem inteiro, imerso em um processo provisório de desintegrar-se da normatividade social e desvestir-se dos papéis inerentes ao sistema social estruturado e diferenciado das posições político-jurídico-econômicas para, uma vez reduzido à experiência de sua condição humana de total igualdade em relação ao outro, poder retornar ao social.

respeito aos mortos; enquanto que a segunda era *a da descrição e do tato com informações tão sensíveis*. Isto é, alegavam a questão do susto que a família poderia ter se por acaso a notícia chegasse de sobressalto relatando uma possível morte por acidente.

As justificativas do morador, em relação ao questionamento feito, podem ser compreendidas como estratégias de evitação dos riscos possíveis da perda da fachada e de se ver classificado como fofoqueiro contumaz, ou como interessado na desgraça alheia. Verifica-se, quanto a isso, que os riscos assumidos no processar a fofoca são habilmente calculados pelo morador da cidade. A propagação da fofoca, com isso, segue padrões interacionais, protocolares e cerimoniais, em que interesses e desinteresses excessivos são condenados; da mesma forma que a não demonstração coletiva do luto, da tristeza e do espanto (MAUSS, 1980).

Em conversa informal e mesmo acidental com o blogueiro, no dia 07 de janeiro de 2017, ou seja, no dia posterior à tragédia, o mesmo comentou que o terceiro ocupante do caminhão que transportava areia, saído de uma cidade próxima, teria vindo a óbito naquele mesmo dia. Em relação ao motorista do outro caminhão, carregado de brita, comentou que, apesar de gravemente ferido, conseguiu fugir do local de acidente.

Um jovem da cidade, que ouvia a conversa, disse que faria o mesmo, porque geralmente as pessoas envolvidas com acidentes, quando identificadas como culpadas pelos populares que assistem à cena, são por eles linchadas. De acordo com esse jovem, a fofoca de acidentes “sobe serra mais rápido do que o fogo”. Comentou, ainda nesse sentido, que um linchamento por pouco não havia ocorrido na cidade etnografada, quando um rapaz abastado da cidade causou um acidente de trânsito causando ferimentos em um transeunte. “Para não ser linchado, prosseguiu o jovem com a sua narrativa, o rapaz foi imediatamente retirado do carro acidentado e conduzido por um parente pistolão para uma cidade de maior porte da região, onde teria relaxado por uma semana. De volta à cidade, a cidade local, a situação estava por bem dizer, normalizada. [E, continuou frisando que], apesar de terem encontrado duas garrafas abertas de uísque no carro do rapaz que provocou o acidente, isso não deu em nada. [O jovem concluiu a narrativa, assim, reafirmando que] eu teria fugido da cena do crime e agora já estaria era longe [...]”.

O blogueiro, por sua vez, retomando a conversa, comentou, já em clima amistoso e mudando de assunto, que a sua pequena cidade, aqui etnografada, emancipou-se politicamente no início dos anos de 1950. Tinha por nome uma denominação indígena, antes da nomenclatura atual. “Ganhou o nome de hoje por causa de uma pequena lagoa, que fica ali perto da estrada que corta a cidade. Ali era onde os tropeiros de antigamente *parava* para dar água e descanso aos animais que vinham descendo a Serra da Borborema e depois que iam para o Brejo”.

Outro participante da conversa, senhor de meia idade e nativo da cidade, arrematou que “desde aquele tempo que a vida por ali era no lombo de burro, levando mercadoria da serra para o litoral e vice-versa. Essa era uma viagem cheia de perigos”. O que conectou, destarte, e não de todo inconscientemente, a conversa sobre a tragédia recente aqui relatada com a história da formação da cidade como corredor de passagem para o tráfego de mercadorias.

2.2 Eventos trágicos, fofocas e rumores: estratégias de difamação e desfiguração moral

Em relação à prática da fofoca em contextos sociais de intensa pessoalidade e forte copresença, caracterizados por repertórios simbólicos cotidianamente atualizados em redes de parentesco, compadrio e vizinhança, Barbosa (2015, p. 246 e 247) disserta que as redes de intriga tecidas pela fofoca atuam tanto no sentido de integração moral e de solidariedade mediante o compartilhamento de informações sensíveis e de impressões de si e do outro, quanto estratégias de difamação e de desfiguração e rebaixamento moral do outro. Regula, assim, o mercado de dádivas e de favores, que se estabelece a partir das hierarquias visíveis e invisíveis configuradas no cotidiano das interações.

Oliveira e Ribeiro (2008, p. 187), por sua vez, se referem ao fenômeno do agrado como base de um sistema de cooperação pautado em relações de reciprocidade entre vizinhos, fenômeno este continuamente exposto a quebras de confiança que produzem “[...] um abalo nas relações de reciprocidade e no sistema de cooperação”. O ato de fofocar e as redes de intriga por ela formadas aparecem de

forma ambivalente: tanto unem quanto separam⁷. Unem porque significam um fluxo importante de trocas simbólicas, em que as redes de solidariedade desempenham seus papéis em processos de ajudas mútuas e de construção de projetos e de identidades comuns. Separam, conforme Elias (2000), quando se cristalizam centros difusores de informação e de conformação de práticas, condutas e hierarquias sociais diferenciadas que alicerçam o poder social local. Poder social este que está sempre embasado nos medos como uma das emoções centrais de uma sociabilidade dada.

A fofoca, assim, tanto une quanto separa os atores sociais em jogo comunicacional, sendo um dos mais fortes signos indicadores das fronteiras e dos limites dos círculos culturais e sociais em que cada pessoa se inscreve e se desloca. O ato de fofocar indica, nestes termos, tanto uma aceitação e confiança quanto uma latente possibilidade de desconfiança e de desprezo direcionada àqueles em situação de desfiguração moral.

De volta à cidade etnografada, dois eventos banais foram escandalizados pela prática da fofoca e do rumor como exercício de desfiguração moral do outro próximo. O primeiro caso diz respeito ao assassinato de um dono de bar, senhor de idade avançada e que nasceu e cresceu na cidade. Este senhor foi encontrado morto no interior da própria casa, alvejado por tiros de arma de fogo à queima roupa. Mulher e filho estavam em casa, mas só se depararam com o corpo estendido no chão da residência, enquanto que fugia pela porta de trás o assassino, em direção a um comparsa que o esperava do lado de fora em uma moto preta sem placa.

Este evento trágico logo tomou conta da cidade, pega de surpresa pela violência extrema contra um de seus membros, tido como pessoa tranquila e de fachada individual e familiar defensável. Enquanto vivo, o senhor cultivava boas relações de confiança com os moradores da cidade, muitas vezes mediadas pela instituição do *fiado*.

Nesse sentido, o assassinato gerou uma discussão generalizada e aguçou a imaginação dos moradores sobre os motivos possíveis de tal violência contra um

⁷Este argumento, muito embora tenha sido desenvolvido a partir de experiências etnografadas em um bairro popular de uma cidade de grande porte – o bairro do Varjão/Rangel, na cidade de João Pessoa –, pode ser aplicado às sociabilidades urbanas em cidades de pequeno e médio porte conectadas por atores sociais de intensa mobilidade e amplas redes de contatos e lealdades.

cidadão de bem, que aparentemente não se envolvia em situações vexaminosas na cidade. Nesse processo de indagação dos motivos do assassinato foram levantadas várias suspeitas, de modo que se cavou cada vez mais fundo na história de vida do cidadão.

Paulatinamente se rememorava e se publicizava elementos de uma história paralela da sua vida, assim como se questionava sua reputação moral mediante a ênfase em aspectos conhecidos, mas silenciados, de sua trajetória de vida. Boltanski (2012) chama esta figuração social de segredo de polichinelo. Trata-se de evento conhecido por todos, mas tratado com discrição e segredo próprios da cegueira diplomática (GOFFMAN, 2012).

Em uma situação de escândalo, tal como a violência extrema que ocasionou o assassinato deste dono de bar, os segredos de polichinelo são revelados e devassados pela população em busca de um controle e de uma justificativa moral da situação. As revelações do já sabido e agora escandalizado assumem um ar de ironia e de jocosidade em relação ao fato misterioso de uma morte violenta não explicada.

Nesse sentido, corria a notícia da morte daquela figura tão conhecida por várias gerações e os rumores se espalhavam sobre as possíveis causas da violência. Uma das versões era a de que o senhor havia dado, na frente de uma pequena multidão, “uma tapa na cara” de um cliente arredio que se negava a pagar a bebida, o que teria ocasionado o crime de honra como vingança. Quase que de imediato, contudo, essa versão foi desacreditada sob o argumento de que uma vingança deve ser relativamente pública e deve “deixar claro quem quer dar o recado”: “Quem se vinga, mostra a cara”!

Uma segunda versão para a justificativa do assassinato era a de que brigas familiares interna teriam desestruturado fatalmente a família do senhor assassinado que, este era o boato que corria, era casado, mas tinha outra família com a qual também convivia. Um filho mais novo da primeira família, contudo, teria se relacionado com a segunda mulher, que, no entanto, permanecera “amante” do pai. Segundo algumas línguas teria sido este o motivo para a execução do dono do bar em sua própria residência. Segundo as “más línguas”: “Fiquei sabendo que Y, o senhor do bar assassinado, era casado com uma, mas morava com outra. Mas essa outra teve um caso com o filho dele. Depois voltou para o pai. Tudo em família”.

Verifica-se, portanto, nas falas nativas, como uma subvida (HANNERZ, 2015) se organiza nos bastidores das relações sociais publicamente enunciadas em uma pequena comunidade. Assim como, da mesma forma, um ator social organiza as regiões frontais e traseiras do *self*, abrindo e fechando, oportuna e arriscadamente, os acessos aos elementos que compõem a sua pessoa pública e a sua pessoa privada (BERGER, 1972).

Na roda de fofoca se comentava, portanto, a partir do escândalo concretizado sobre o dono do bar assassinado, outros escândalos possíveis, mas habilmente administrados pelos atores sociais envolvidos e que, a qualquer momento, poderiam servir como elemento de desfiguração moral e de ataque à reputação pública. Como, por exemplos, narrativas fugidias compostas a partir do escândalo moral do assassinato do dono do bar que falam como é comum, na cidade, o tráfego amoroso segredo, oficioso e mesmo imoral, entre homens e mulheres ditos senhores de bem na comunidade: “Como eu vinha dizendo, nega, histórias de mulheres divorciadas, que perdem a pensão, depois ganham, nega, depois vão tudo farrar com outro e perdem a pensão de novo... ah, nega! também não faltam! A gente sabe, mas não sai falando por aí!”. Outra história interessante também foi a da vizinha de Z que foi fazer unha e quando voltou ouviu a gracinha do vizinho: ‘Chegou ela. E o marido é um galo em João Pessoa’. Desde esse dia que ela se treme toda.

Fica evidente, no jogo cotidiano da fofoca e do rumor, o quanto as reputações e fachadas são vulneráveis, podendo, a qualquer momento e em razão dos mais leves descuidos, tornarem-se grandes e incontornáveis elementos de escárnio e de sarcasmo. A fachada e a reputação, assim, não repousavam no não saber ou na ignorância do outro, mas em cálculos morais bastante complexos que fazem um ator social específico decidir-se ou não pela revelação e escandalização de segredos.

A fofoca, nesse sentido, tem uma dimensão visível, que é a acusação individualizada e contextual, mas também uma dimensão invisível e ameaçadora que atinge a totalidade das relações. Enquanto a fofoca enfatiza o caso do dono do bar assassinado, servia também como aporte para os múltiplos casos semelhantes e conhecidos de todos.

Uma terceira e última versão que tentava dar conta da violência praticada em uma narrativa explicativa crível afirmava que o dono do bar, aparentemente um

cidadão pacato e ordeiro, na verdade escondia, em seu estabelecimento, um ponto de distribuição, venda e consumo de drogas ilícitas. Neste ponto os rumores tornavam-se ainda mais dispersos e confusos, evitando a nomeação de pessoas, lugares e relações.

O segundo caso, de fofoca e de rumor generalizado na cidade, aconteceu de forma quase que simultânea ao primeiro. Dizia respeito, contudo, à prisão de um senhor, também de meia idade, que era oficialmente conhecido como uma espécie de comerciante-tropeiro. Este senhor vendia no capô do seu fusca artigos de primeira necessidade, tais como utensílios de cozinha, cigarros, tapetes, artigos de decoração, roupas baratas, pelos sítios e lugares mais afastados do município.

Oficiosamente, contudo, o mesmo era conhecido, na cidade, como distribuidor de cigarros falsificados, empregando, para tal, um conjunto de jovens considerados marginalizados pela população. Suas atividades eram amplamente conhecidas pelo público em geral, que consumia satisfatoriamente em função dos baixos preços praticados pelo comerciante.

Com o escândalo da prisão deste senhor, a cidade, mais uma vez em choque, tenta entender as razões do ocorrido. O escândalo traz à tona elementos de reflexão que conectam as suas atividades mais banais com o seu comportamento social tido como desviante e excêntrico, até então silenciado por uma cegueira diplomática oportuna, ou por tiradas irônicas que buscavam situá-lo como ator social atípico e, portanto, tolerado pela cidade no uso do seu comércio.

É nesse contexto de escândalo que segredos de polichinelo são acionados como forma de entender e justificar a prisão deste senhor. Os elementos desviantes de seu comportamento, até então silenciados e tolerados pela cidade, veem à tona como justificativa irônica e jocosa de explicação da prisão.

A roda de fofoca comentava, por exemplo:

[...] que o vendedor de cigarros falsificados era “conhecido por vei, doido e sem futuro [...] É também vendedor de troço nos sítios: bota os troço no capô do fusca e vende. E também a gente sabe que ele tinha jovens menores de idade distribuindo a mercadoria e, pior, que organizava festinhas com novinhas em casa. Vai ver que foi por isso que o vizinho deu conta dele, porque não gostava das festinhas. O vizinho até jogava água na casa do vei doido para bagunçar o movimento. Por isso foram bater na delegacia. O escrivão, amigo dos dois lados, tentou convencer eles a retirarem a queixa, mas eles, cabeça dura, não retiraram. Os dois tiveram que prestar serviço comunitário: tirar o lixo da cidade. O vei doido ficou quatro meses tirando

lixo. Já o vizinho, que o denunciou, é conhecido como *vei tamborete* de Fórum e se comporta como se fosse um advogado.

Os boatos circulavam, assim, com variações específicas bem específicas: ora se dizia que o senhor contrabandeava não somente drogas lícitas falsificadas, mas também engajava “jovens problemáticos da cidade” como uma forma de explorá-los e de driblar o controle social mais formal sobre a sua atividade; ora se dizia que os jovens eram convencidos pelo “dinheiro fácil” e por “festas” promovidas em sua residência, com ampla participação de garotas menores de idades chamadas de “novinhas”. Por fim, corria ainda o rumor de que nada disso justificava a prisão do senhor, mas unicamente uma rixa com o vizinho de frente, que o denunciou na delegacia por excesso de ruído e de exploração sexual de menores.

Nos dois eventos, a morte violenta e a prisão de senhores de idade conhecidos em toda a cidade, as narrativas de tragédia construídas nas redes de fofocas assumem uma conotação de escândalo que evoca rumores de segredos de polichinelo para a explicação e justificação do ocorrido e, por conseguinte, para o controle social e moral da comunidade. Este jogo de acusações e de revelações de informações sensíveis provoca um clima de suspeição e contágio generalizado.

A fofoca, como rede pública discreta de informações, de juízos morais e de alertas sobre situações limites, escandalizadas, constituiu uma instituição social importante de controle moral, de integração em círculos sociais e culturais e de comunicação da normalidade normativa e de seus desvios reais e imaginários. A fofoca, ainda, pode ser interpretada como um espelho, no sentido de Cooley (1922), ou seja, como uma superfície contextual em que cada um pode ver-se e ser visto a partir do olhar do outro.

Nesse espelho, bastante desconfortável e constrangedor, mas também objeto lúdico e de auto-ajuste emocional recíproco, os moradores de uma pequena cidade experimentam o amor e o ódio à personalidade, ou seja, ao conforto de uma familiaridade quase que íntima em paralelo com um estrangulamento das possibilidades de vida privada e de individualização.

A fofoca, como vista nas etnografias acima, comunica a mensagem cotidiana de que, na pequena cidade, todos e cada um se monitoram reciprocamente e sabem da vida alheia. O silêncio, a tolerância oportuna, a cegueira diplomática, a

segregação de papéis e de platéias, assim como o gerenciamento cotidiano de impressões e de expressões, são confrontados com a emergência de escândalos pontuais que lembram a cada morador uma necessidade de manter-se nos padrões morais da normalidade normativa.

O escândalo produz, no contexto de interações, um processo de revelações tidas como toleráveis até o momento de sua impossibilidade de negação pública e formal. O oficioso, tornado problemático em uma situação limite, e que vem a configurar um escândalo, não somente desfigura os envolvidos diretamente no escândalo, mas serve também como mensagem ao social de que cada um pode ser o próximo a enfrentar as contradições e constrangimentos entre costumes e moralidades ou entre costumes e legalidades, ou, ainda, entre o moralmente exigido e o legalmente imposto, caso não se ajuste à normalidade moral e emocional reconhecida.

Considerações Finais

Este artigo analisou a organização de relacionamentos e de interações em situações cotidianas de pequenas cidades, enfatizando os elementos da personalidade e da copresença como marcas profundas dessas sociabilidades urbanas. Em tal contexto interacional, recortado em uma etnografia de uma pequena cidade do interior da Paraíba, a construção e a apresentação do *self*, público e privado, e das fachadas individuais e coletivas, é fortemente pressionada e condicionada pelo monitoramento moral e emocional que o outro, na condição de conhecido e próximo, impõe ao ego que se desloca pela pequena cidade.

O exercício criativo da fofoca e do rumor, em síntese, coloca para o *self* um elemento de orientação moral e emocional, ou seja, de ajuste de suas condutas e de seus juízos de valor. Isto é especialmente potencializado em situações de vivência coletiva de situações limite ou traumáticas.

A pequena cidade é pródiga em classificar seus personagens destacados no ato de fofocar, diferenciando imaginariamente, assim, entre fofoqueiros contumazes e o restante da população cotidianamente envolvida no exercício do rumor, do buxixo e da fofoca. O ato de fofocar, por mais ordinário que seja, constituiu, contudo,

um elemento de vergonha pessoal, um indício de ameaça à reputação moral e também à fachada coletiva que abriga o indivíduo social.

A fofoca, enquanto vivência prática, é bastante escorregadia e problemática na medida em que jamais é assumida: a fofoca sempre começa no outro e vem do outro, nunca daquele que sabe. Muito embora a pequena cidade se veja envolvida em redes densas de intercâmbio acêntrico e eficiente de informação, notadamente aquilo que a faz pulsar como organização da vida coletiva, o indivíduo se apresenta para o outro como sujeito discreto, que sabe, mas tolera e silencia, permanecendo, contudo, à espreita como ameaça de um possível desmascaramento do já sabido, mas interdito.

A desconfiança, portanto, de que o outro o exponha enquanto narrativa de fracasso, de escárnio, de jocosidade e de transgressão moral, é um elemento basilar nas sociabilidades urbanas de pequeno porte. Este medo de ser exposto, pelas mais banais das razões e pelos mais insignificantes descuidos, é administrado pelo gerenciamento constante de impressões e de expressões em situações públicas entre parentes, amigos e vizinhos.

É na emergência de um escândalo como os aqui etnografados, ocasionados por situações limite, com suas narrativas escandalizadas de tragédia, que elementos segredados da vida social veem à tona para círculos sociais mais amplos e provocam, por conseguinte, a ruptura ou reforço, em registros simbólicos novos, de laços sociais. A fofoca, enfim, enquanto veículo de informações com agregados, perspectivas e interpretações sempre novos, tensiona os contextos sociais das pequenas cidades, atravessando as hierarquias e integrando moralmente ou cimentando a ruína de fachadas e reputações no exercício de renovação da ordem social e moral.

Bibliografia

ALEXANDER, J. Toward a theory of cultural trauma. In: ALEXANDER, J. *et al.* (eds.). *Cultural trauma and collective identity*. Berkeley: University of California Press, p. 1-30, 2004.

BACELAR, W. K. A. Pequenas cidades: uma caracterização. In: Santa Maria, RS: *V Encontro de estudos de pesquisa "Agricultura, Desenvolvimento e Transformações socioespaciais"*, 2009.

BARBOSA, R. B. Estigma e intensa personalidade: uma análise compreensiva dos rituais de interação em um residencial de um bairro popular. *RBSE Revista brasileira de sociologia da emoção*, v. 13, n. 38, p. 153-164, 2014.

BARBOSA, R. B. *Medos corriqueiros e vergonha cotidiana: um estudo em antropologia das emoções*. Coleção Cadernos do GREM, n. 8, Recife: Bagaço; João Pessoa: Edições do GREM, 2015.

BARBOSA, R. B. O desconforto da copresença: uma análise goffmaniana e kouryana das interações cotidianas no bairro do Varjão/Rangel. *RELACES Revista Latinoamericana de estudios sobre cuerpos, emociones y sociedad*, v. 7, n. 1, p. 31-41, 2015a.

BERGER, P. L. *Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis: Vozes, 1972, 1972.

BLUMER, H. Sociedade como interação simbólica. *RBSE Revista brasileira de sociologia da emoção*, v. 16, n. 46, p. 14-22, 2017.

BLANC, M. V. *Efeito "pequena cidade": ensaio sobre uma sociologia da vida cotidiana*. Trabalho apresentado em Montevideu, Uy: GT 121 do XI RAM Reunión de Antropología de Mercosur, 2015.

BOLTANSKI, L. As dimensões antropológicas do aborto. *Revista brasileira de ciência política*, n. 7, p. 205-245, 2012.

BOURDIEU, P. Participant objectification. In: *Journal of Royal Anthropology Institute*, v. 9, n. 2, p. 281-294, 2003.

CALDEIRA, T. P. R. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34, 2000.

CLEMENTINO, M. L. M. Receitas Municipais e grau de dependência dos pequenos municípios do Nordeste. In: *XVIII Encontro Nacional da AIPSA*, Campina Grande/PB, 1996.

COOLEY, C. *Human Nature and the Social Order*. New York: Scribner, 1922.

DAMATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues. In: *Comunicação do Museu Nacional*, n. 1, 1973.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FONSECA, C. *Família, Fofoca e honra*. Porto Alegre: EdUFRGS, 2000.

GAIARSA, J. A. *Tratado geral sobre a fofoca: uma análise da desconfiança humana*. São Paulo: Ágora, 1978.

GIRARD, R. *Eu via satanás cair como um relâmpago*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

GOFFMAN, E. *Comportamentos em lugares públicos*. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOFFMAN, E. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face-a-face*. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOFFMAN, E. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Vozes, 2012a.

GOFFMAN, E. Sobre o resfriamento do marca: alguns aspectos da adaptação ao fracasso. *RBSE Revista brasileira de sociologia da emoção*, v. 13, n. 39, p. 266-283, 2014.

HANNERZ, U. *Explorando a cidade*. Em busca de uma antropologia urbana. Petrópolis: Vozes, 2015.

KOURY, M. G. P.. O local como elemento intrínseco da pertença. In: Cláudia Leitão (Org.). *Gestão Cultural*. Fortaleza: Banco do Nordeste, p. 75-88, 2003.

KOURY, M. G. P.. *Sociologia da Emoção: o Brasil urbano sob a ótica do luto*. Petrópolis, Vozes, 2003a.

KOURY, M. G. P. Solidariedade e conflito nos processos de interação cotidiana sob intensa pessoalidade. *Etnográfica*, v.18, n. 3, p. 521-549, 2014.

KOURY, M. G. P. *Ressentimento e regras morais de conduta em um bairro popular da cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil*. Rosário, Ar: Anais do XI CAAS, 2014a.

KOURY, M. G. P.. *Estilos de vida e sociabilidade: ensaios em antropologia e sociologia das emoções*. Curitiba: Appris, 2014b.

KOURY, M. G. P.. *Quebra de confiança & conflito entre iguais. Cultura emotiva e moralidade em um bairro popular*. Coleção Cadernos do GREM, n. 9, Recife: Bagaço; João Pessoa: Edições do GREM, 2016.

KOURY, M. G. P.; BARBOSA, R. B. *Sob os olhos da vizinhança: uma reflexão etnográfica sobre formas de controle e administração das tensões em um bairro popular*. Caxambu: 39º Encontro Anual da ANPOCS, 2015.

KOURY, M. G. P.; BARBOSA, R. B.. Cultura Emotiva e Moralidade em Pequenas Cidades: uma análise etnográfica do papel da fofoca em sociabilidades urbanas de pequena escala. *Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia*, v1, n1, p. 21-40, 2017. Endereço eletrônico: <https://goo.gl/gdA7ym>. Lido em: 01.11.2017.

KOURY, M. G. P., ZAMBONI, M.; BRITO, S. Como se articulam vergonha e quebra de confiança na justificação da ação moral. *Dilemas: revista de estudos de conflito e controle social*, v. 6, n.2, p. 251-265, 2013.

MAIA, D. S. Cidades pequenas, como defini-las? Apontamentos para os estudos sobre cidades pequenas. In: *Anais do III SEURB*, Curitiba, 2016. Endereço eletrônico: <https://goo.gl/vdfkSn>. Lido em: 01.11.2017.

MAUSS, M. A expressão obrigatória no indivíduo dos sentimentos. In: Sérvulo A. Figueira (Org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 56-63, 1980.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas, *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, p. 183-314, 2003.

OLIVEIRA, T.; RIBEIRO, T. Vizinhaça e solidariedade. In: ESPINHEIRA, Gey (Org.). *Sociedade do medo: teoria e método da análise sociológica em bairros populares de Salvador: juventude, pobreza e violência*. Salvador: EdUFBA, p. 177-193, 2008.

PARK, R. E. A cidade: sugestões para o comportamento humano em meio urbano. In: VELHO, G. (Org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 25-66, 1967.

PRADO, R. M. Cidade pequena: paraíso e inferno da pessoalidade. *Cadernos de antropologia e imagem*, n. 4, p.31-56, 1998.

PRADO, R. M. *Mulher de novela e mulher de verdade*. Estudo sobre cidade pequena, mulher e telenovela. Dissertação. Rio de Janeiro, UFRJ, 1987.

RICOEUR, P. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas, SP: EdUNICAMP, 2007.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2001.

SCHEFF, T. J. *Microsociology: discourse, emotion and social structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

SIMMEL, G.. A divisão do trabalho como causa da diferenciação da cultura subjetiva e objetiva. In: SOUZA, J.; BERTHOLD, J. Ö. (Orgs.). *Simmel e a modernidade*, Brasília: EdUNB, p. 23-40, 1998.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana*, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005.

TRAJANO FILHO, W. *Outros rumores de identidade na Guiné Bissau*. Série Antropologia 279. Brasília: DAN, 2000.

TRAJANO FILHO, W. A nação na web: rumores de identidade na Guiné Bissau. In: PEIRANO, Marisa. (Org.). *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, p. 85-112, 2002.

TURNER, V. W. *Processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis, Vozes, 2013.

VELHO, G.; MACHADO DA SILVA, A. A organização social do meio urbano. In: *Anuário Antropológico 1976*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1977.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. O. (Org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VELHO, G. *Individualismo e Cultura. Notas para uma antropologia das sociedades contemporâneas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

VELHO, G. *Projeto e metamorfose*: antropologia das sociedades complexas. 3ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WIRTH, L. Urbanismo como modo de vida. In: VELHO, G. (Org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 89-112, 1967.

Recebido em: 24 set. 2018.

Aceito em: 21 set. 2020.

COMO REFERENCIAR

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARBOSA, Raoni Borges. *Fofocas e rumores no cotidiano do pequeno urbano*: a construção e a apresentação do *self* nas sociabilidades urbanas de pequena escala. *Latitude*, Maceió, v.14, n. 2, p.56-81, 2020.